



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

30 DE MAIO DE 1959
ANO XVI—N.º 397—Preço 1\$00

Vales do Correio para Paço de Sousa—Avença—Quinzenário
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato—Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Redacção e Administração: Casa do Gaiato—Paço de Sousa
Propriedade da OBRA DA RUA—Director e Editor: PADRE CARLOS

Voltemos a Padre Euclides Morais para registar alguns episódios dos primeiros tempos de vida sacerdotal de Pai Américo.

Pequenos acontecimentos que, só por si, nada diriam, mas que revelam já a sua caridade e «preocupação de perfeição em grau superior ao comum».

★

Quando foi da 1.ª (?) reunião do seu curso, em S. Pedro de Alva em casa do condiscípulo José Augusto Ferreira Simões Sousa, estava eu paroquiando uma freguesia limítrofe e do mesmo concelho de Penacova.

Convidado para a festa, deram-me a honra da presidência. No fim ficámos os dois. Ele era ávido de vida espiritual. Ouvindo-me, interessado pela minha situação e pela dos meus paroquianos, disse: «Então que faz nesse deserto espiritual?»

Procuro cavar mais fundo — respondi-lhe — a ver se rebenta a água.

«Cavar mais fundo!...» — repetiu ele duas ou três vezes, as mãos apoiadas sobre os joelhos, como quem monologava. «Como isto me faz bem! É disso mesmo que eu preciso!»

Creio que da pregação que então fez é que lhe veio a ideia das colónias em S. Pedro de Alva.

Estávamos, salvo erro, no estio de 1931.

★

Havia quem não gostasse dele entre o clero da cidade. Todos os outros gostavam muito da sua pregação e chamavam-no com frequência.

Contudo, nada mais ouvi contra ele, senão coisas deste género: «gastou 400\$00 em ovos para ir com os rapazes à Figueira da Foz num domingo... Não reza o Breviário e pode andar por toda a parte a pregar e a pedir e a escrever!...»

Isto era no princípio, muito antes de ter a Casa de Miranda do Corvo. Creio até que mesmo antes de organizar as colónias de verão em S. Pedro de Alva e depois na Várzea de Góis, hoje Vila Nova do Ceira.

E os 400\$00 (se é que foram 400\$00!) certamente tinham incluídos o pão, os bilhetes do comboio e, porventura, ainda outras despesas! Mas ainda que não fosse assim! Só o cativar rapazes como aqueles, a ponto de se não envergonharem de acompanhar um sacerdote de batina à praia da Figueira na época mais concorrida, é vitória superior a muitos contos de réis!

★

O Senhor Cônego Júlio António dos Santos, seu confessor e companheiro em muitas pregações, contou-me: «Certa mulherzinha dos lados de Ceira, não podendo vender seus molhos de carqueja nas ruas da cidade, resolveu procurar o Padre Américo que começava a ser conhecido pela sua caridade. O Padre Américo deu-lhe uma esmola e que

apesar de ser hoje um dia de sol intenso, fui para o recreio vê-los jogar. Sempre que posso, jogo também. Hoje foi um jogo que não conhecia. Ouvi chamar-lhe «arrebenta a cadeia». Cada dia é um jogo. Cada rapaz que vem é mais um jogo que entra.

Ouvi gritar pelo correio, e como não sabia de quem se tratava, chamei por aquele nome. Apareceu um pequenito de 11 anos sorridentes e esperto.

Perguntei-lhe qual a causa da sua alcunha e ele muito lealmente responde:

— É por eu andar sempre a dizer dos outros ao Manequim.

O Manequim é chefe. Fiquei a saber do alcunhado e a razão da sua alcunha: correio. Quando eu era pequeno chamávamos a isto «acusa-cristos».

O pequeno veio há pouco. Habitado a acusar os companheiros, veio encontrar aqui um regime diferente. Ninguém acusa. Cada um que tem faltas, acusa-se a si próprio. Eis a grande novidade dos nossos tribunais familiares.

O correio é filho de uma ceguinha mendiga e vítima de pai. O povo da terra andava alarmado porque a mãe já não fazia nada dele. Roubava, fugia à escola e andava na vadiagem. É este o destino de todos os filhos da maldade dos homens. Hoje, em nossa casa, sente-se feliz e é o correio.

levasse a carqueja para junto do forno de pão do Seminário».

Como a mulher do Evangelho quando achou a dracma perdida, ela correu a anunciar o bom prego por que o Padre Américo comprava os molhos de carqueja e aquele dia, até à noite, foi um corropio de gente com molhos dela para o Seminário.

Até o Senhor Bispo D. António Antunes se ria a bom rir!

★

continua na página quatro



Recebi ontem uma carta do Monarca. Está na cadeia e diz que não fez mal nenhum. Quer que peça para o soltarem, mas eu não sei da vida dele. É mais um que anda por aí como tantos outros que dizem andar à cata de vida. O Monarca é filho de uma corista que o deixou. Em pequerito andou aos pontapés duns e doutros e já cheio de vícios, aos 15 anos, veio bater à nossa porta. Preparou-se para os dois exames e depois quis ir à vida. E foi.

Nós somos a porta aberta; não temos guardas nem grades. Só estão os que querem.

O Monarca tem 27 anos, sem rumo de vida, está na cadeia. Pena é que parte destas nossas cadeias não tenham condições para regenerar homens.

A semana passada fugiu o Fernando Pedro. Tem 15 anos e é inteligente. Apesar de fraco de vontade, eu ainda não tinha perdido a esperança nele. Na véspera havia-o chamado e falamos. Animei-o e fiquei confiante.

Veio o irmão visitá-lo, desafiou-o e ele foi. Foi sem rumo. Pelo que sabemos, o irmão é um rapaz sem rasgo nem vida certa.

O Fernando Pedro veio em pequenito do Porto. A mãe, tuberculosa, faleceu poucos dias depois e o pai, com a mesma doença, não durou muito. Ficaram orfãos três filhinhos.

Nesta altura em que ele precisava mais de nós, partiu. Foi-se embora, sem rumo e sem ter quem lho aponte. Estas são as nossas feridas. As grandes feridas dos padres da rua são estes filhos que desertam à toa, sem bagagem humana para o turbilhão do mundo.

Do lugar donde escrevo vejo o Zeca dependurado numa crejeira a colher as primeiras para todos. Os passarinhos não têm respeito, mas os rapazes sim. Não há queixa.

O Zeca anda coberto da cintura para cima só com um pullover que ele, de mau, esfarrapou ao Sardanisca. Foi condenado no tribunal a andar com o pullover toda a semana. Sentiu o castigo mas anda contente a apanhar cerejas. É uma prova de confiança para a sua vida de traquina.

Traz as malhas presas por gaitas. Foi ele que remendou assim. A iniciativa e o trabalho são dele. Deus queira que o Zeca se não perca.

PADRE HORACIO

PÃO DOS POBRES

Os senhores tenham paciência. Não desesperem, que amainando o deservido de fora na Encadernação o livro desaparece como um foguete.

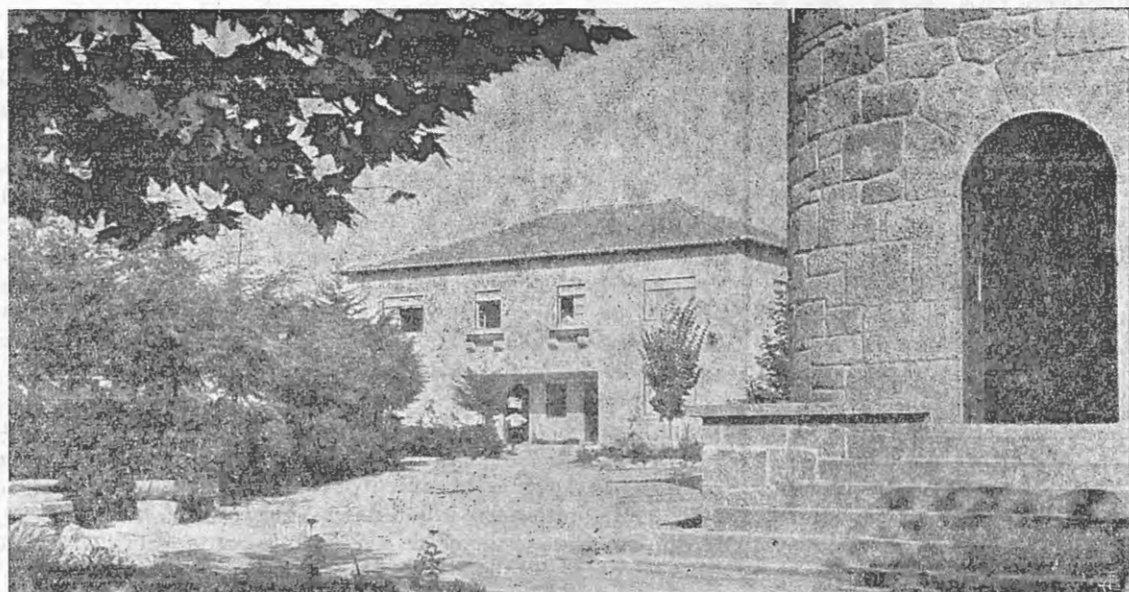
Até agora já o receberam metade dos assinantes, quer dizer, estamos nos Joaquina. A propósito, temos aqui uma carta d'um que diz assim: «Minha Mulher faz anos no dia 4 de Maio e eu desejava oferecer-lhe nesse dia o «Pão do Pobre», pois ela, e eu também, desejávamos há muito lê-lo». Seguiu oportunamente; porém, dos comentários da Esposa não sabemos, mas aquele desejávamos há muito lê-lo faz supor muita alegria, — quanta alegria!

Na pouca correspondência por aviar, que Caracol retém, pudemos encontrar, ainda, mais outra carta mui digna de publicação. Ei-la, tal qual:

«recebi o livro Pão dos Pobres i envio 20 escudos para pagamento não sei se xéga ou sóbra são tudu migalhas i jun-

to délas vai o meu coração i muitas lagrimas ao ler estas verdades só cria ter o que muitos estragam assim fico triste sou pobre i velha i fraca situação mas não esqueço os que ainda são mais pobres do que eu».

JULIO MENDES



Isto só pelo ver, porque sentido torna o panorama mais belo e a alma maior. Constante salmo de exaltação ao Onnipotente, onde os abrolhos, torneados, se tornam ouro de fino quilate!

Da que nós necessitamos

Mais Carrizado de Montenegro com 650\$ pela grande graça da recuperação da vista. Mais graças recebidas: Perosinho; Alcobaca — «uma alma agradecida porque Deus também lhe valeu»; e a Etelvina do Porto; e alguém que veio cá e deixou 100\$; e o Joaquim, de Valbom; e Nogueira da Regedoura.

Pneus, têm continuado em rodopio, graças a Deus. Quem dera que os senhores ouvissem e reagissem assim a respeito de televisores! Só falta em Beire e Paço de Sousa. Às outras Casas do Gaiato já lhes tocou a sorte.

No Espelho da Moda 100\$ de um primeiro ordenado; dez vezes mais sob a mesma rubrica. E ainda 220, «metade dum aumento de vencimento», com as desculpas de só agora, pois «devia ter seguido no princípio de Fevereiro». Mais 100\$ de uma Enfermeira-chefe, que se revela cheia de espírito cristão.

O Pessoal da Mobil aí está com os 53\$50 do costume. São 12 vezes por ano..., sem férias nem nada! As telefonistas de Moncorvo juntaram-se e mandaram 100\$, «umas pequeníssimas migalbinhas». E mais este pedido, que é afinal em favor dos outros: «Que eu saiba e possa consolar os que de mim se aproximarem». Ó beleza!

«Cinquenta de uma estudante pobre agradecendo o ter recebido bolsa de estudo».

«Um Padre Nosso, por favor» e 40\$, nem sei de quem nem donde. Benguela com 200\$. A quinta parte «de uma pequenina... para uma Obra grande». 250 da Lídia, de Ovar. 100\$ de uma associada da cooperativa «O Problema da Habitação», a que se juntaram 13 funcionários com 150\$. E a Maria Celeste do Lumbo. E de Moçamedes 200\$ e este grito:

«Nada mais desejo do que nas vossas orações lembrar-se de mais este pecador, que a todo o transe quer libertar-se do peso do pecado. Creiam que é verdade, não obstante pedir continuamente a Deus, Nosso Senhor essa libertação. Tenho por vezes desanimado, mas coisa pouca. E agora pergunto?

Como é que se pode ter fé?»

Como? Tendo a coragem de nunca se acobardar perante o cerco das tentações. O resto é só com Deus. Virá, com certeza, no tempo que Ele tiver marcado.

Bombarral, 50\$ a cumprir um último desejo de uma irmã. O mesmo, de Lisboa, «para o que for preciso». Vinte da mãe dum novo assinante. E outra vez telefonistas. Vivam as telefonistas!

Da Central da Picaria 770. Da Central de Gaia 82\$50.

Tudo, em dinheiro e roupas, que entregaram no Lar e Espelho da Moda. Muitas cartas que aparecem aqui com notas... e mais nada! 200 cruzeiros de S. Paulo, «por alma de minha mãe, Rosa Maria». L. Caldeira, 20\$ a sufragar a alma do marido. Lourenço Marques, 100\$ e «uma carta de minha mulher assim como uma lista de novos assinan-

tes, um cheque de 500\$ e uma nota de 50\$».

Do Trem Auto 1250\$. Mais 50\$ de «uma penichense», com pena de não haver muitos amigos de Peniche (!), pois raro se vê aquela terra nas colunas do Famoso. Idanha-a-Nova com 500\$; Gavião, o dobro e «fiquei envergonhada, ao ler no Gaiato as ofertas dos funcionários pelo aumento de vencimentos e eu sem ter mandado nada».

Mais aumentos: 500\$ «de alguém que não dá, nem deixa aos seus dar tostões aos mendigos profissionais». Faz muito bem, meu Senhor! Dez vezes menos, do Seixal, «que representa parte do 1.º ordenado do meu filho». E de S. Martinho do Porto um vale, dos aumentos do médico e da sua enfermeira; e isto: «As dádivas não se pagam, mas se V. Rev.ª quiser ter a caridade de nos lembrar nas suas orações, elas dobrarão de valor aos olhos de Deus».

Promessas: 500\$ de Tomar; da Foz do Douro, 100\$ e 20\$ de juros de mora e outros 100\$ de

aumento de ordenado; 300\$ de uma estudante de Vila Real.

«De um grande pecador para uma grande Obra», 20. De Montepuez 100 e pedido de três missas. Está cumprido.

«Há quase um ano que esperava enviar esta migalhinha — mas só agora foi possível...», 50\$. O dobro de A. J. F.; o mesmo de Fontearcadinha. Ribeira da Pena 500\$ e pedido de 12 Missas.

Tornamos a lembrar aos nossos leitores o pedido outras vezes feito: Não nos mandem intenções, que nós vemo-nos e desejamos para dar conta, de tantas...

Muitos donativos pró Barredo e a maior parte de gente de todos os meses, como: «Um casal feliz»; «uma admiradora dessa Obra sublime»; a Adelaide; R. T.; a «Mãe que crê em Deus»; o Abílio e o António, ambos do Porto; «os dois amargurados»; a «Avó de Moscavide».

E finalmente, que o tempo das excursões já começou, aí temos o desfile de alguns grupos: «Os 6 unidos da Areosa»; «A Caixa Económica do nosso Lar»; «Clube de Futebol de Valadares»; um grupo de Aveiro; «Caixa da Imaculada Conceição», do Porto; «Os casados de Valbom»; e o Grupo 7 e 6=13.

Cantinho DOS RAPAZES

«Licenciado em engenharia civil depois de longos trabalhos e sacrifícios financeiros de meus Pais, venho cumprir, embora um pouco tardiamente, o que tinha prometido dentro do meu coração a Deus.

Ele que é o Autor de tudo e que com um sopro pode mudar a face do Mundo, deu um sopro tão palpável a este pecador que lhe serei eternamente grato, se outras manifestações igualmente poderosas e palpáveis não houvesse, pela licenciatura de que ELE foi o Autor bondosíssimo.

Junto envio, como prometera, a parte que cabe a duas das Suas Obras que me são tão caras — Obra do Senhor Padre Américo e Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas de Cucujães.

Para cada uma vão 1.000\$.
.....
Muito obrigado e que Deus o cubra de bençãos.

Algum dos muitos Pecadores».

★

Aí tendes, meus rapazes: Um rapaz novo e pobre como vós. Hoje tem uma posição social... «depois de longos trabalhos e sacrifícios» de seus Pais. Com certeza ele deu a sua mão, também, e participou nos trabalhos e sacrifícios dos Seus.

Esta lição de coragem, de espírito de luta contra as dificuldades e do misterioso sabor da vitória conquistada mercê de um esforço perseverante — bastaria

para justificar a inclusão da carta no vosso «Cantinho».

Mas há outra, que eu julgo ainda mais oportuna. Para além da correspondência que certamente ofereceu aos «trabalhos e sacrifícios de seus Pais», a gratidão que permanece nele, uma gratidão rectamente ordenada, porquanto refere a Deus o benefício da sua licenciatura, «de que Ele foi o Autor bondosíssimo».

E então, para que o seu obrigado se não fique em palavra vã, ele di-lo em amor, enviando, «como prometera, a parte que cabe a duas das Suas Obras que me são tão caras». Ao «Autor bondosíssimo» do todo o seu bem, ele sabe que não pode retribuir melhor do que amando-O nas Suas Obras. E escolhe duas, ambas de alargamento do Seu Reino. E dá-Lhes, conforme «tinha prometido dentro do seu coração», o que Lhes cabe.

A correspondência aos «trabalhos e sacrifícios» que outros sofrem por nós; a gratidão por eles, referida, ultimamente (como é justo!) a Deus — Que preciosas virtudes humanas e cristãs!

E em vez do seu nome: «Algum dos muitos pecadores».

Recordo o pensamento de Maeztu há poucos dias lido: «O que torna santo o Santo é que este não perde a consciência de ser pecador».

Deus nos dê, a todos nós, a sabedoria de tomarmos como nome próprio este de pecador.

De verdade, meus rapazes, que linda carta esta de um rapaz novo e pobre, como vós!

Auto-construção

Algumas cartas recebidas referem-se a *casos individuais* deste ou daquele casal que pretende fazer a sua casa e não tem possibilidades. De momento, a auto-construção não se pode ocupar desses casos. Para que haja auto-construção numa terra — e desejamos ardentemente que exista em muitas terras — é necessário que haja *trabalho organizado por equipas de trabalhadores*. Oito, dez, doze trabalhadores, mais ou menos da mesma condição social, que resolvem unir os seus esforços, as suas habilidades e até mesmo algumas modestas economias para, ao mesmo tempo, fazerem *tantas casas quantos eles são*. Esta característica é essencial à auto-construção. Certamente esta circunstância, à primeira vista, mete medo. Fazer, ao mesmo tempo, oito, dez, ou doze casas (mas casas e não gaiolas!) é obra *grandiosa de mais para começar*. Sendo assim, não terá viabilidade. Ninguém acredite. A obra em comum, se tem dificuldades, também apresenta muitas facilidades. Trabalhar em grupo é mais racional e também menos penoso. Custa mais caminhar só. Depois, muitos homens, a não ser que sejam apanhados por movimento desta natureza, não se resolvem. Temperamentos indecisos, sem iniciativa, acomodaticios vêm passar os meses, os anos e não se decidem a dar um passo em frente. *Juntos a outros*, sentem-se apoiados, também não querem fazer má figura, e lá vão cumprindo por vezes tão bem como os melhores. O grupo defendeu-os e excitou-os. Um rancho de ciclistas começou uma viagem.

Alguns têm menos qualidades do que outros. Mas todos avançaram mais do que se fizessem o percurso sozinho. As mondas, as ceifas, as malhadas, as vindimas, mostram como o *trabalho em grupo* é mais ameno, mais rendoso. Esta faceta da auto-construção se por um lado parece limitar certas possibilidades, por outro obriga a um esforço que valoriza extraordinariamente o homem. Sente-se que se está ligado a uma obra séria, valiosa, grandiosa mesmo. Sendo a equipa de dez operários, trabalham para uma obra de quatrocentos contos. Esta circunstância valoriza-os, como trabalhadores, como homens. Vale a pena trabalhar para um fim tão grandioso.

Continuam a chegar cartas a perguntar *como é e como poderá ser*. As dificuldades, as ajudas, os regulamentos. Outras trazem *auxílios*. Do Rio de Janeiro, 105\$00; um Senhor Doutor, de Coimbra, 100\$00; de São Paulo, 100\$00; da Calçada do Tojal, Lisboa, 95\$00; uma Senhora Professora, 50\$00; um Furriel, da Amadora, 50\$00; um comerciante de Lisboa, 40\$00. Neste momento *cinco contos oferecidos por particulares* garantem a construção duma casa no valor de *quarenta mil escudos*. Este pormenor é um convite. *Cinco contos* igual a uma casa que vale *quarenta!*

Correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira — Beira Alta.

Padre Fonseca

QUEIMA DAS FITAS

Por Cândido Pereira

Foi no dia 9 deste lindo mês de Maio. Cinquenta rapazes desceram à Invicta para mais uma vez servirem de testemunhas vivas da generosidade, do carinho e do amor da cidade do Porto.

Cedo começou nos nossos rapazes aquela ansiedade pelo alvorecer da manhã do dia 9. Alguns quase não chegaram a adormecer. Inquietação. Vestir roupa nova. Andar no combóio. Ver muita gente! Todos nós, agora crescidos, passamos pelos mesmos momentos e sabemos quanto isto é delicioso e torturante... simultaneamente.

O dia chegou; chuvoso, feio e triste. Mas o rosto dos nossos rapazes, como que iluminado por um raio invisível, resplandecia. Via-se nele aquela satisfação e contentamento que caracteriza a alma sã e pura dos nossos pequeninos.

Uma carruagem especial esperava-nos e o Porto viu-nos chegar por volta das 8 horas. O trânsito não parou totalmente, mas alguns carros tiveram que parar... forçosamente.

Como sempre sucede, a nossa primeira paragem oficial é no *Café Imperial*, onde nos é ofere-

cido o mais delicioso café com leite da Cidade Invicta. Não pretendo fazer reclame, mas sim reproduzir o pensamento unânime dos nossos rapazes. A acompanhar o café com leite, as deliciosas torradas de pão oferecido pela Padaria Céres. Queremos aqui envolver no mesmo agradecimento o Café Imperial e Padaria Céres. Obrigados.

Depois de termos agradecido ao Senhor o pequeno almoço, dirigimo-nos para a Universidade do Porto, onde os nossos rapazes se encontraram com os estudantes. Há entusiasmo. Alegria. Todos querem os mais pequeninos. Os grupos vão-se espalhando pela cidade. Continua a chover. Alguns estudantes não puderam comparecer devido ao estado do tempo. Mas aqueles que se apresentaram redobram de esforços para que aquele dia, não ficasse diminuído perante os mais anos. Assim aconteceu. Os nossos estudantes, rapazes e raparigas que sabem o que querem e o que fazem, percorreram debaixo de uma chuva impertinente, as ruas e estabelecimentos da Cidade do Trabalho. Encontraram em todos aquela com-

BARREDO

Começamos, desta vez, por uma visita à Cadeia Civil do Porto, a ver o pai de um dos nossos pequenos, doente, e que antes de morrer queria ver o filho há tantos anos longe de si. Não o pudemos, pois havia sido transferido, dias antes, para a Cadeia Central do Norte.

Clérigos abaixo, Mousinho da Silveira, R. do Souto e mais um saltinho estamos na R. da Banharia. Ali, na R. do Souto morara um dos nossos. Ainda se recordava da casa. Agora seria impossível viver aqui. Era domingo. Uma multidão de gente circulava naquelas paragens. Almas jovens, na sua maior parte, à busca do cemitério. Até quando?

Fomos direitinhos ao n.º 2 da R. de Baixo. Recebemos um sorriso a que não estávamos habituados. É que, em cima da mesa, não havia a nudez das tábuas velhas das outras visitas. Um molho de couves e uma tigela de favas. **Ontem ganhei 10\$00. Comprei isto que o Snr. vê e um bocadinho de pão.** Por isso recebeu-nos com um sorriso. Os ferros velhos a servir de cama continuam à vista.

Fixei o número da Rua e da porta não vá alguém ter guardado silêncio porque não sabia onde era.

Começou o alvoroço. Já não sou senhor meu. Querem ver? Tencionava passar por casa da Ti Joaquininha e afinal não pude porque já era tarde e antes não me tinham dado tempo. A peixeira que foi de Ovar também não a pude visitar.

Fui ver os lençóis lavados e os cobertores que tinha deixado ali perto. **Estão guardados para quando estiver alguém doente pô-los na cama.** Vi-os. A casa estava mais limpa que de costume para regalo seu e nosso. Os Pobres têm necessidade de mão que os ajude a sair da miséria em que a pobreza e abandono os lançou.

Num quarto ao lado, um tuberculoso em último grau geme ante os olhares rasos de lágrimas de sua jovem esposa. Se ao menos pudesse respirar o ar puro dos campos ou jardins!... De pé, cercada pelos quatro filhos que seu marido

lhe deixou por herança, aquela viúva, qual mulher forte do Evangelho lança um desafio à corrupção e ao abismo que a rodeiam. **Desde que tenha pão para os filhos e casa para me abrigar...** Bem sabemos que a miséria espiritual anda, por vezes, intimamente ligada à falta de pão e abrigo. Ouvi: já tenho dois filhos. O pai deles é desconhecido (pe-

rante a lei). Abandonou-me. E agora não sei o que será de mim. Ando por aí...

As Madalenas não têm outra história. Tome conta do meu filho que não tenho que lhe dar. Ele não sabe ainda a vida que levo. Tenho medo que venha a sabê-lo depois. Sou uma desgraçada mas não quero a mesma sorte para meu filho.

Sofremos e sofremos muito por não podermos corresponder às provas de confiança que em nós depositam estas Madalenas. É uma humilhação vivida a cada instante em face da nossa incapacidade.

Padre Manuel António

ORDINS

RUA DA CARIDADE, 16

Quem nunca se meteu em obras sem dinheiro na mão, escapou a muitos trabalhos. Dormiu noites sossegadas. Sentou-se à mesa descansado. Sempre ouvi dizer que, quando se pensa gastar cinco, gastar-se-ão dez, todavia também é verdade que se não se enchem os caboucos de obras deste género com toneladas de idealismo e confiança no Senhor, melhor é nem começar. Os homens, até, por vezes, os de boa vontade, deixar-nos-ão, a breve trecho, sòzinhos, com a cruz aos ombros e fugirão. Assim comigo sucedeu. Contava com boas vontades. Tinham-se-me posto ao dispor. Mas, em certo momento, aguentei, sòzinho, com o peso do combate. O apego ao dinheiro é em muitas almas uma obsessão. Dar um tostão é para alguns perder uma gota de sangue. Chega a parecer-lhes um acto heróico. Contrastando com tudo isto, está quanto aqui tem vindo a lume para a construção da Casa de Jesus Misericordioso (Casa das Tecedeiras). Não uma torrente de nomes, mas algumas ajudas bastantes valiosas, índice de muito desprendimento. Quem quiser ser sócio desta empresa sabe a direcção. Não demore. Quanto maiores os capitais investidos, maiores os dividendos. Não pode haver déficits para quem vai pondo a render no banco

dos Pobres. Assim a Fundação de Oeiras, com uma banheira. Muito me ri, quando, na guia do Caminho de Ferro, li, a-pardo meu nome, a morada «completa»: Rua da Caridade, N.º 16 — Ordins — Lagares. Há anos que aqui moro e não conhecia, ainda, o número da porta, nem o nome da rua... Esta graça do empregado da Fundação aumenta a dádiva do seu generoso Administrador!

Da Fábrica Portugal, uma secretária e uma cadeira. De Leça da Palmeira tubos metálicos. Do Porto, os respectivos acessórios. De Gaia, fio eléctrico. Da R. A. L. mais diatomite e da Robbialac mais cuprinol e da Companhia Previdente mais pregaria.

Quase todos os meses, vinha recebendo, com carimbo de Penafiel, uma carta com poucas letras e 100\$. Já há muito que não tem vindo nada. E pena tenho, pois bem precisava. Ora vão contando os operários que aqui trabalham: 5 pedreiros, 4 trolhas, 5 carpinteiros, 2 electricistas e 2 moços. Total: 18 operários. Reparem, agora, nas contas:

Deve	81.404\$20
Haver	75.991\$00
Déficit	5.413\$20

Há a somar a este saldo negativo, ao fim de cada mês, mais uns 11.700\$00 de mão-de-obra. Como se não bastasse isto, para me fazer doer a cabeça, há que contar com a despesa do mobiliário e máquina de costura (quem há por aí que possa dispor de uma para Ordins?), outra de tricotar e não sei que mais.

Apertado com dívidas, bati há dias à porta de quem há meses me tinha prometido 1.000\$00 e prontamente os recebi. O vale vinha acrescido de 200\$, para agasalhar dois recém-nascidos de Lagares. De Aveiro 10\$ para uma telha e 30\$ da Ilha de Moçambique

30.000 x 20\$ = 50 CASAS

A Campanha cá vai. Não há esmorecimentos. Antes, continuam os mesmos sentimentos de obrigação (Daí as desobrigas, as desarriscas...); os mesmos desejos de substituição de um por outro assinante para quem seja impossível a presença nesta Campanha; o mesmo sentido comunitário, familiar (Já que se trata de casas, portanto de lares de família, todos os que participam do aconchego do mesmo tecto, aí vêm, em coro, agradecer a Deus esse dom).

Aqui mesmo ao pé de mim uma carta desta sorte. É de um engenheiro que vive do seu trabalho.

«Tenho muito empenho em que a minha grande família enfileire na Campanha dos 30.000 e por isso junto envio a importância correspondente a 14 tijolos. Espero ficar assim aliviado de um peso que me atormentava há uns dias.

Peço portanto para me «desarriscar», assim como à minha família.

Respeitosamente e com muita amizade peço a sua benção para os pais e para os 12 filhos (o 12.º ainda não viu a luz do dia mas julgo que também poderá receber a benção e que ela lhe sirva para entrar bem neste complicado e penoso Mundo.)

É verdade, meu hom Amigo! Como este mundo seria simples e sem traições, se os homens se amassem com aquele inteligente e voluntário afecto fraternal que Deus pôs no seu coração!

Mas ele há mais. São os que resolvem tomar os 20\$ por renda e aí vêm mês após mês. Oíçam esta leitora de Lisboa:

«Aqui vão uns 20\$00. São uma pequena renúncia com dois fins: o de, uma esmola em Amor, ser um pequenino acto de reparação nesta grande semana que vamos viver; e o de diminuir um pouco o sofrimento dos que tanto sofrem».

para pregos. Mandem, agora, para vidros, que é também para mim uma grande dor de cabeça o pensar neste problema. Coimbra lembra-se dum ehale médio com 200\$ e «o que sobrar fica para o que V. entender». Pois para que há-de ser? Lisboa com 100\$ «de muito boa vontade», enche a carta com uma grande esperança: «logo que seja possível, enviarei mais alguma coisa. Aqui fica a promessa, que espero cumprir com a ajuda de Deus». E aqui me fico eu, à espera de todos vós nesta «rua da Caridade, N.º 16».

Padre Aires

E as telefonistas do Porto, da secção de chamadas? Como se não fôra pouco aturar todo aquele que pega num telefone (eu cá, confesso, quando as chamadas não correm hem, sou um rabujento!)—combinam umas com as outras e aí vêm com 660\$.

E o sabor destes 20\$!: «Não é muito, pois sou pobre, velha e viúva e ainda com os meus 67 anos ando a ganhar o meu pão». Que benções!

«Um jovem casal, à espera do seu primeiro filho», manda já por ele. Se os futuros Pais pensam e agem assim, como não deve ser santamente amorosa a sua união, e portanto em Caridade a geração do seu primeiro filho!

Os valores que o Mundo contém, sem dar fé!

Como não há-de ser renovado «O Gaiato» e por isso tão amado na Esperança, se ele enche as suas páginas de notícias das riquezas divinas que ainda há nesta pobre Terra!

Outros aproveitam datas festivas e os instantes da Graça:

«No momento em que se festejam os dois anos da nossa filha-nha Isabel Maria, acabámos de ler «O Gaiato».

Juntos os três, pediremos a Deus para que todos os anos possamos comemorar este dia tão feliz, e que esteja perto o dia em que todos nós tenhamos a nossa casa».

«Juntos os três...» Quer dizer: os quatro! Porque Jesus estava ali onde pelo menos dois se juntavam invocando o Seu Nome.

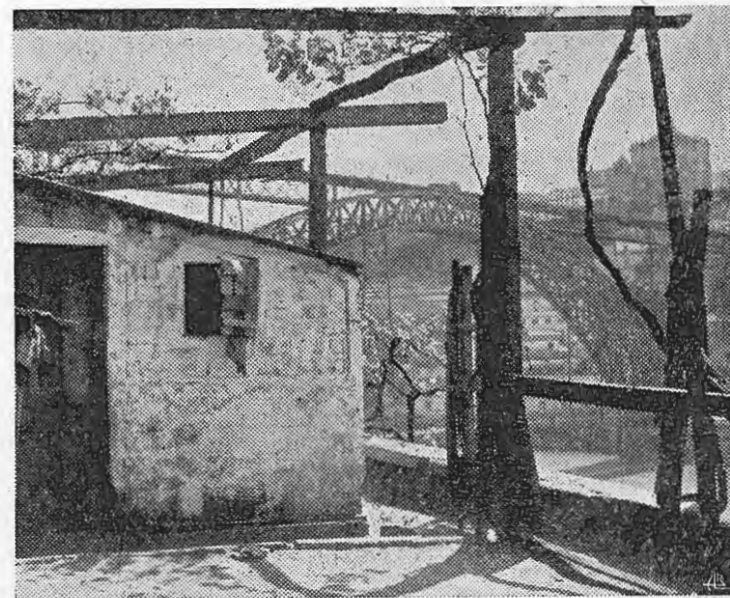
E fechamos com este eco de além-mar, da Beira:

«Recebi, há momentos, o «Maior do Mundo» e já o li. As primeiras linhas a devorar foram as da campanha das 50 casas.

É sobre elas que me vou debruçar hoje.

Com sinceridade vos digo que essa cantiga entrou no ouvido de todos. Uns assobiam-na a todo o

continua na página quatro



Nos grandes centros, no meio das turbas, Cristo continua com a Cruz aos ombros!

Cândido Pereira

O que nos dão no Tojal

A abrir a crónica de hoje os empregados da Mobil. Amigos certos: 1.430 em Março e 1.531\$ em Abril. Um grupo de visitantes com 1.590\$ e três puloveres. Mais 2\$50. Dois dinamarqueses com amêndoas e rebugados para a Páscoa. As três horas de Sexta-Feira Santa um embrulho com amêndoas e 500\$. Mais um cartucho delas da D. Emília. E trezentos escudos duma enfermeira do Hospital do Rego. Mais quatro sacos de pão da R. Buenos Aires e 500\$. Camilo Alves um barril de 50 litros para a nossa Páscoa. Um amigo do nosso engenheiro Barata, mil, por simpatia. Mais 200\$; J. Teixeira de Sousa, 200\$; Peditório de Belém 5.200\$; visitantes, 25\$20.

Para a campanha 100 e 300 mais 50 e 100, 20 e mais 200. J. Vaz, 50. O peditório em S. Mamede deu-nos 6.023\$50 mais uma carrada de lenha. Três dela muito grandes do Banco de Portugal. Da madrinha dum gaiato 50. M. F. G. mais 50 para a Conferência. Da R. dos Fanqueiros 40 e amêndoas e roupas. O quinto aumento do ordenado com o desejo de maior ventura 1.390\$: trouxe uma carta que um Senhor dizia e não era dele. Na visita da Escola Josefa de Óbidos à sua Casa do Património ficaram cá 619\$20, uma bola e rebugados, mais roupas e um mundo de simpatia para os nossos rapazes. Visitantes com 76\$. O Pessoal da Secção de operários da Sonap com uma casa para o Património deixou mais 33\$50. C. Neves Silva, diga-nos quanto mandou porque devemos ter recebido. A. Sobral 100 no Lar. Mais 60 e 150 em vale do correio mais um embrulho com roupas. Um sobretudo dum rapaz amigo, mais roupas e vinte escudos. Mais 20 e dez e 600 e cem para toalhas. Da mão dum Sacerdote amigo, 200. Produtos Lácteos 175 por duas vezes. J. A. T. 150. Visitantes com 50 e 9\$50 e 25. Peditório na Pena, 1.520\$; um senhor de carro com cem. Natália vinte. «Tome lá dum amigo meu», 500.

E agora um mundo de pessoas e assinaturas no Montepio. L. D. 5\$, anón. idem. Alice 50 e mais 50. Assinante 22.823, 50\$. Do casal de S. Jorge de Arroios cem e mais cem. Para o Calvário cem. Idem com 5\$. Um assinante com 50\$. Natália 100. A pedir o sacrifício do Altar, 50. Anón., mil. Para o Património um aumento de 400\$. Mais 5\$ e de Maria de Lurdes 28. De alguém que escondeu o nome na letra, 200. Para a nossa Conferência, que já deve muito às mercearias, 10\$. Rateio a um aumento de ordenado 100. Uma tripeira com 60\$. Alice outra vez com 50\$; L. G. 5\$. Anón. 150 para o Tojal e o mesmo para o Calvário; igual para o Barredo.

E agora a onda de grande aflição que pairou sobre esta Casa do Tojal e nos trouxe uma enchente de tantos que se tinham esquecido de nós. Da Câmara e serviços municipalizados pela mão de M. H. 576\$ e muita atenção quando lá vou. Um par de sapatos e umas péguas novas. De M. Torres que há muito que por cá não passava, três mil. Visitantes nesse domingo com cem e mais três vezes cem e mais cin-

quenta. Na mão de uma nossa amiga, 250\$; e 50\$ de assinaturas. Para o Património dos Pobres 50\$ e mais cinco dum motorista da Praça. Deus o ajude, nosso Amigo. Uma promessa de 20. Correios de Loures 55\$. Homens de vida dura mas souberam compreender a nossa necessidade. Vizinhos nossos com 50 e roupas. L. Domingos com 5 e M. Parda com 50 e carne e roupas. D. Clotilde e sua Escola 194\$30 e muitos embrulhos de roupa. Muito obrigados pequenitos do Tojal. De Fafe cem, mendigados, e promessa dumas toalhas. Av. de Roma 50. Visitantes com 50. De Belém—Lisboa duas peças de pano turco e duas para roupa, por intermédio do nosso Padre Alberto. De Alcobia 50\$. Marques Razo dez quilos de arroz numa hora em que não havia nada em Casa. Em Lisboa 60 quilos de feijão.

Um anónimo que não nos quis ver nem sequer saiu do carro, entregou três mil escudos e roupas. Quem nos vê leva uma ferida aberta no peito e depois não se cansa de dar. Uma assinante com 50\$. E a visita do Centro 27 da M. P. F. da Escola Lusitânia: Uma visita à pressa e 1.257\$50. Mais 500 e mais 20. Assinantes com 40 e visitantes com 200. Por intermédio e esforço do Senhor Prior de Arroios, 785\$00 para os vidros que estavam partidos. Uma visita do Instituto de Odivelas. Do Centro de Geografia do Ministério do Ultramar 390\$ e da Administração do Porto de Lisboa 422. Um regente agrícola com 120. D. Dias com vinte e a Conferência de Parede com 500. 14 pares de meias e uma muda de roupa nova para um vendedor. Assinante 6.614, 50\$.

Pois desta vez, a coisa vai sem sal. E se não foram as pessoas amigas que despertaram e acorreram depressa à nossa Casa bem estaríamos a comer a sopa sem ele. A todos, que Deus pague em favores, cem por um.

Padre José Maria

SETÚBAL

— Caros leitores é a primeira vez que escrevo para o Jornal.
— Há dias veio à nossa Casa uma

LAR DE LISBOA

Amáveis leitores:
Só de quando em quando é que eu me disponho a escrever e agradecer

PELAS CASAS DO GAIATO



x x x

Quem no meu quarto
Sem minha ordem entrar,
Pode ter a certeza
Que à cadeia vai parar!

Isto escreveu o Valdemar na porta do seu quarto, mas o «Sepadre Carlos», ao passar revista aos edifícios, assinou a quadra de pé de galo e o Soares não teve outro remédio senão abrir a porta e meter a viola no sacco. Coisas que acontecem a muito boa gente, «no és verdade»?

ESTÁ a sair «A Voz dos Novos», de que «todo o mundo» gosta. São os novos a falar a novos e por vezes aos velhos. E quanto nos agrada este diálogo! Qualquer altura esperamos ter uma conversa contigo, Amigo Leitor! Vai-te preparando que o assunto é de grande monta.

E quando ouvires falar da «Voz dos Novos» alegra-te, pois também pode ser a tua!

«PÃO DOS POBRES». Devora-o. Prova-o ao menos. Ele é que faz a fatura dos ricos. Juntamente com uma malga de caldo, faz a felicidade de muitas pessoas.

Depois deste, outro e outro... até saciar a todos. Saboroso, porque levado com o sangue de uns, suor de outros, trabalho de mais e sacrifício de muitos outros. Não te deixes para o final da refeição. Vem enquanto a sopa está quentinha e o «Pão» a sair do forno!

GRATOS! Sim, minha senhora, de facto fazemos colecção de selos. Pode estar descansada que tudo que para cá vem dirigido é entregue. Os papões não aparecem por cá. É que nós somos muitos!

Quando cá quiser voltar outra vez, pode fazê-lo quando e como muito bem entender. Obrigado, sim?

POIS É! «Ex.mo Sr. Sabe que tem um nome bonito? Há muito que andava para lhe escrever, mas julgava que aí não podiam receber cartas. Qualquer dia vou aí e gostava de o ver. Estará em casa? Desculpe a ousadia, mas disseram-me que era tão simpático...»

E que mais? Talvez esteja se for à hora do almoço. Mas repare bem. Não vá enganar-se no número. Olhe que isto não é uma casa só. Quanto a cartas, já deve saber que aqui não é nenhum asilo... Terças e quartas é quase sempre assim, pois temos aos domingos muitas visitas... Mas olhe e as outras que já sentem o coração a abanar, que também há aqui um caixote que dê-me licença...

No entanto escreva sempre, pois às vezes andamos muito tristes...

Pode, se tem muita pressa em entregar o seu tesouro, escrever para o consultório sentimental da «Voz dos Novos»!

ROUXINOL! Sim senhor!

O Rouxinol, como nos mais anos, volta na companhia do papa-figos, a deliciar-nos com suas canções. A noite marca os primeiros sintomas. Há Paz na aldeia, depois de rezado o terço. É mais nesta altura que ele aparece. Estamos no meio da verdura e flores do jardim da casa 1. O cantar amigo destes pássaros, são o colorido nocturno. O último acto da nossa aldeia e logo pela manhãzinha, torna a aparecer a dar os bons dias!

É dos actos mais lindos a que assistimos embebecidos:

— Fi, fiu... fli, fli fafiu...
— Ti, ti, rô, tô, tiu!...
— Fi... u... fa! F... i... u.

As melhores saudações para todos do Amigo ao dispor,

Feio

Viscado pela
Comissão de Censura

excursão. Essa excursão era composta por professores e professoras de Beja. Eles sentiram muita alegria em vir à nossa Casa, gostaram muito de cá estarem connosco e gozarem junto de nós aquele momento de alegria e de satisfação. Junto com eles esteve o Sr. Padre Joaquim Fatela e alguns dos seus rapazes. Por isso não podemos deixar de agradecer a sua visita.

— Acabamos há dias uma grande tarefa: a ceifa e ensilhagem da cevada, deu-nos muito trabalho, mas com a ajuda de Deus foi cumprido honradamente.

— Acabou-se esta semana o calçamento das nossas avenidas. Se os leitores vissem como está bonita agora a parte frontal da nossa Casa! As árvores com flor, outras já com fruto, o nosso jardim, os nossos fontanários, o lago, enfim tudo está tão bonito. Custou-nos muito caro esta obra.

— Está à porta um grande trabalho que temos de cumprir com muito custo e com muito sacrifício. É a tarefa da debulha e ceifa do trigo com que fazemos o pão.

— A plantação do arroz também já começou e temos já plantados mais de 6 hectares de terreno. Andam cá mulheres e homens a trabalhar e nós também.

— Os nossos Pobres aumentam e nós não podemos deixar de os auxiliar. Ajudai-nos então, que nós não podemos ir às suas casas de mãos vazias. Em Setúbal, há tanta miséria e tanta desgraça, famílias inteiras moram dentro de choças, outras em casas demolidas, enfim tudo isto é uma autêntica desgraça.

Ajudai-nos na construção do Património. Há dias sai com o Senhor Padre Acílio. Fomos ao Tramagal levar a nossa máquina de debulhar o arroz e o trigo. Pelo caminho encontramos à beira da estrada ciganos, que habitam em barracas. Dizia eu para o Sr. Padre Acílio:

— Olhe para ali!
Ele olhou e respondeu-me:
— Que vida negra!
Pois, cristãos, esses que têm vida negra ajudai-os a ter uma vida melhor, uma vida para com Deus. Que essa vida diminua de dia para dia.

Vaquinha

30.000 X 20\$ = 50 CASAS

continuação da página três

momento; outros, mais duros de ouvido, aguardam novos lamirés para a aprenderem. Por isso não desisteis. Tende perseverança e tereis a certeza dos louros, traduzidos em casas.

O título da campanha é bastante elucidativo e à custa dele e no espaço reservado ao serviço aonde trabalho, colhi um punhado de assinaturas, que não divulgo por assim termos acordado, e que representam 1.100\$00. Não queremos louvores nem agradecimentos. Queremos, sim, que todos façam o mesmo, para que dentro em breve se possa dizer que vamos iniciar nova campanha dos cinquenta. Assim, se todos os anos se lançar esta campanha, a Obra que vos propusestes levar a cabo não será incomensurável?»

* * *

Feitas as contas, a Campanha somou mais 4.410\$00.
«Grão a grão!...»

FACETAS DE UMA VIDA

continuação da página um

Em 1934 fui ao Senhor da Serra, em Semide, onde de 15 a 24 de Agosto de cada ano é grande romaria, com nove dias de pregação e confissões.

Nunca lá tinha ido e quis experimentar. Alistei-me como pregador. Padre Américo também lá estava. Ouvi-lhe o sermão da noite, a que o Povo chamava e ainda chama a Missão.

Tratou da esterilidade dos lares com uma simplicidade e delicadeza e mestria, como nunca ouvira! Nada faltou e nada foi demais. Os argumentos que se ouvem ao povo foram todos desfiados e rebatidos em meia dúzia de palavras. E terminou mais ou menos assim: «Antes de haver médicos e enfermeiros e parteiras e «civilizados» e compadres, que dizem isto e aquilo, havia Deus e a Sua Lei».